

SITUAÇÕES INTERACIONAIS¹

INTERACTIONAL SITUATIONS

José Luiz Braga²

Resumo: O artigo parte de duas constatações: a interação como contexto central da ação comunicacional; e uma ausência de sustentação metodológica para essa perspectiva interacional. Para trabalhar sobre essa insuficiência, propõe o conceito observacional de *situações interacionais*. A caracterização conceitual considera sete elementos ou processos (dinâmicas; âmbitos; desdobramentos; experiência/aprendizagem; complexidade; variações/seleção; lugar de encontro), presentes em modos variados nas situações. Finalmente, para articular a perspectiva epistemológica interacional e essa aproximação metodológica, o texto reflete sobre a pesquisa que, levando em conta a diversidade das interações humanas, busque referências comunicacionais em comum.

Palavras-Chave: Situações Interacionais; Abordagem Metodológica; Conceito Observacional; Pesquisa em Comunicação; Epistemologia.

Abstract: This article starts from two observations: interaction as the central context of communicative action; and a lack of methodological support for this interactional perspective. To address this insufficiency, it proposes the observational concept of *interactional situations*. The conceptual characterization considers seven elements or processes (dynamics; frames of reference; unfolding; experience and learning; complexity; variations and selection; meeting place) present, in varied ways, in the situations. Finally, to articulate the interactional epistemological perspective and this methodological approach, the text reflects on research that, considering the diversity of human interactions, seeks common communicative references.

Keywords: Interactional Situations; Methodological Approach; Observational Concept; Communication Research; Epistemology.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Professor Visitante, PPGCOM da Universidade Federal de Goiás. Doutor em Comunicação.
bragawarren@gmail.com

1. Em questão

Os processos comunicacionais são frequentemente referidos à interação social. Quando se aborda a alteridade, a questão implicada é a convivência com o outro e as dificuldades decorrentes. Quando se aborda a busca de consenso, igualmente trata-se de ocasiões em que, na interação, os participantes se encontram com preferências diversas. Quando Honneth discute o reconhecimento, esta é uma questão imersa na interação social. O ato comunicativo de Habermas, contrastado com ações estratégicas, se refere a uma questão ética nas interações humanas.

Os estudos da recepção implicam uma questão interacional relativa ao processo de apropriação do produto midiático pelos usuários, investidos de sua própria inserção cultural. No estudo das mídias (que outros assumem suficiente para circunscrever o campo do conhecimento comunicacional), a interação comparece nas relações entre produção e recepção, nos processos de circulação, na midiaticização como processo interacional. E ainda: a interação é foco de atenção como uma funcionalidade valorizada na própria tecnologia – a interatividade.

É fácil, também, reconhecer o aspecto interacional que comparece em gestos comunicacionais humanos como argumentar, deliberar, convencer, debater, informar, aprender, ensinar ...

Reconhecida essa presença em toda a diversidade de aspectos em que se concentra uma atenção sobre a comunicação, o que dificulta assumir, na prática da pesquisa, a interação social como ambiente principal da ocorrência comunicacional?

Efetivamente, alguns autores, para além de perceber a presença constante das interações, explicitam sua relevância na práxis social, como um âmbito verdadeiramente estruturante da diversidade comunicacional. Entretanto, apesar dessa reiterada aproximação entre nossa questão comunicacional e a interação humana, não observamos proposições que ofereçam *abordagens para exercer o ângulo interacional* nos estudos da comunicação de modo a compor a diversidade de linhas de investigação como partes da questão mais ampla, no horizonte interacional.

Assim, a palavra “interação” continua a aparecer nessa afável convivência – sem gerar propriamente conhecimento ou pistas para descobertas significativas na área. Como explicar essa lacuna reflexiva? Se dermos atenção à proximidade reafirmada entre as duas palavras, comunicação e interação, poderemos perceber algum caminho em busca de resultados mais concretos?

*

Estas perguntas solicitam uma reflexão sobre as dificuldades específicas que se mostram para um acionamento efetivo do ângulo interacional. Podemos assinalar alguns problemas aparentemente não enfrentados, ou senão, apenas parcialmente.

Um primeiro aspecto, bastante evidente, é o nível vago, pouco definido, a respeito da interação humana. De certa forma, tudo o que se faz em ambiente social implica a interação entre as pessoas e entre grupos os mais diversos. Essa ubiquidade abstrata parece afastar um direcionamento reflexivo e impedir desenhos metodológicos que sejam, ao mesmo tempo, precisos e abrangentes. Quando tentamos inscrever a comunicação no âmbito das interações, a dificuldade relacional é igualmente vaga – como um simples “estar lá”, sem chegar a concretizar *como se inscreve* ou *segundo quais relações*.

Outra dificuldade: todas as áreas das ciências humanas e sociais se interessam pela interação – em cada uma delas, observada segundo enfoques específicos, nos termos das questões investigadas. Álvaro Pacheco Durán (1993), da área de Psicologia da Educação, refere a diversidade de aspectos interacionais, voltados para o social, para o cultural e para o psicológico, que direcionam pesquisas nesses ângulos – cada disciplina organizando sua abordagem. Nesse quadro, constatamos um insuficiente trabalho de definição referente aos aspectos segundo os quais a interação social interessa aos estudos comunicacionais, que distingam esse enfoque das abordagens trabalhadas pelas demais CHS. Sem essa distinção, como dar sentido investigativo ou praxiológico à pretensão de considerar estudos interacionais como um núcleo relevante para desenvolver o conhecimento comunicacional?

Quando observamos a abrangência dos processos interacionais (que poderiam nuclear toda uma diversidade de pesquisas que tomem a interação como mote relevante), recaímos em uma visada abstrata, que mesmo viabilizando declarações epistemológicas, não encaminha eficazmente para observação e pesquisa.

A pesquisa se torna viável quando observamos especificidades da práxis social, gerando efetivamente descobertas relevantes para o campo da comunicação – basta observar, por exemplo, a diversidade de questões interacionais que aparecem nos GTs da Compós. Mas estas descobertas arriscam ficar acantonadas nos segmentos da práxis social em que são estudadas. Como estes ângulos do ambiente sociocultural são extremamente diversificados, facilmente nos encontramos em dispersão – o que é uma limitação para o campo, pois impede uma percepção de conjunto que viabilizaria transferências horizontais de pistas, inferências e experimentações

heurísticas entre observações distintas ou que, pelo menos, possibilitaria a construção de mapas ordenados da diversidade comunicacional.

Em consequência, embora diversos autores relacionem a comunicação aos processos da interação humana e social, essa conexão não parece produzir efeitos maiores em termos de direcionamento dos estudos, nem favorece conhecimentos próprios – por ausência de encaminhamentos metodológicos e questões de pesquisa empiricamente abordáveis.

Para assegurar uma abordagem ao mesmo tempo epistemológica e metodológica da comunicação com ênfase no enfoque interacional, é preciso superar os dois níveis das dificuldades apontadas: o padrão vago e genérico; e a ausência de referentes em comum quando nos aproximamos de processos observacionais específicos.

Percebemos, então, a necessidade de concretizar a interação social. Não pela definição de uma especificidade processual – pois a diversidade comunicacional se manifesta em processos interacionais igualmente variados. Mas por uma proposta comunicacional definida e abrangente, assumindo uma perspectiva e um horizonte epistemológico capazes de nuclear uma grande diversidade de processos; e, ao mesmo tempo, por uma entidade conceitual, não abstrata, representativa do que referimos como “interação”, *voltada para a identificação de observáveis*.

*

Assumindo a interação social como atividade que exige processos comunicacionais para se realizar, apresentei a proposição (Braga, 2022) de uma perspectiva abrangente, sugerindo que “a comunicação é a dinâmica geradora e processual do trabalho da diversidade, desenvolvendo padrões e, ao mesmo tempo, permitindo a frequente revisão de tais composições” (p. 93). Essa perspectiva, podendo nuclear um expressivo elenco de questões e problemas da práxis social que envolvem um conhecimento comunicacional, permite atribuir um ângulo interacional próprio ao campo da comunicação, em distinção a ângulos adotados por outras ciências humanas e sociais – desde que se consiga ser complementada por um encaminhamento metodológico adequado.

Considero provisoriamente atendida, deste modo, a questão da perspectiva abrangente de ordem comunicacional. O presente artigo tem o objetivo de atender ao que foi apontado como insuficiência metodológica. Trata-se de caracterizar uma entidade conceitual que dê suporte à *constituição de observáveis diversificados*, na práxis social, quando se pretenda dar atenção a questões interacionais na pesquisa em comunicação.

2. Um conceito observacional

A palavra “situação” não precisa ser conceituada academicamente para ser compreendida – é conceito intuitivo do senso comum, que sabe usar a expressão a propósito e nesse uso é apreendida e se exerce em diferentes níveis, circunstâncias e dimensões: “Veja em que situação ridícula eu me encontrava”; “Conseguimos contornar a situação”; “A mídia não fez uma boa cobertura da situação”; “A situação da saúde exige maiores investimentos”; “A situação política do mundo é preocupante”.

Vamos começar na proximidade do uso corriqueiro da expressão – uma percepção quase de dicionário, genérica e óbvia em sua literalidade. Situação – condição ou circunstância envolvendo participantes sociais, implicando alguma coisa em curso, com um grau de indefinição sobre o que pode ocorrer, em estado eventualmente problemático. Por isso mesmo, apresenta dúvidas a respeito dos resultados ou desafios que exigem ações.

Podemos, então, tomar essa percepção de senso comum para desenvolver, a partir daí, uma entidade caracterizadora que faça a ponte entre os observáveis (“situações interacionais”) e um horizonte epistêmico, como o que proponho (em Braga, 2022), pelo qual uma perspectiva coerente com o objeto “interação” pode abranger a diversidade empírica dos processos comunicacionais ocorrentes.

A interação humana não ocorre aleatoriamente nem dispersa – se desenvolve *em situação*. Mesmo quando no modo “ao acaso”, a interação é conformada nas situações em que se engasta; mas também pode se desenvolver como contraposição, na tentativa de reorientar a práxis, ou no imprevisto das experimentações. Podem ser situações já desencadeadas, no momento de ocorrência da interação observada; ou situações que imediatamente derivem da própria interação, direcionadas ou reformadas por interações anteriores – mas sempre em refazimento, em transformação pelas interações que aí continuam a se desenvolver.

O aspecto da indefinição, de desafio, se relaciona com a diversidade humana – a grande variação de modos de ser e de possibilidades alternativas. Mas também diz respeito ao fato de que, agindo, interagindo, nos modificamos, aprendemos, experimentamos, criamos outras e outras possibilidades – sempre com alguma relação ao já dado, mas também trazendo alguma coisa ainda não vivida ou pensada.

É nessa forma, em “situação”, que percebemos as interações. Melhor: que delas participamos. O filósofo Étienne Helmer (2019, pag. 9) propõe que “é em lugares físicos específicos e

limitados que vivemos, sentimos e pensamos, que nossa experiência se forma e que nossas referências em todos os gêneros – afetivos, cognitivos, estéticos, éticos e políticos – se forjam” (tradução nossa). A proposição permite pensar, para além do ambiente físico, nas situações que constituem, elas mesmas, o lugar em que se desenvolve nossa experiência.

Quando *em situação*, sabemos (em geral sem precisar de muita reflexão) que há uma ocorrência, uma dinâmica, um contexto, um estado anterior em que as coisas começaram a se mover, que há expectativas, ou embate, posições diversas, dúvidas, mudanças possíveis (ou impossíveis), interrogações. Às vezes, saídas, soluções, desenlaces; mas também possível estagnação; movimentos inconclusos, equívocos, adversidade. Ou pacificação, acalmia, esmaecimento. Ou lances de surpresa, redirecionamentos inesperados. Ou nada. E em situação, qualquer que seja, nos posicionamos. Ou hesitamos.

O que move tais interações é o que se deve chamar genericamente de “processo comunicacional” – que tudo indica ter se desenvolvido na espécie a partir de factuais situações.

É evidente que, se aprendemos, criamos, desenvolvemos, é porque temos competências geradoras complexas. Mas ainda: competências latentes não se exercem (nem mesmo se desenvolvem) fora de condições sociais propícias. Ou seja: se realizam *em situação*.

Vamos tentar organizar uma caracterização em aberto, suficiente para acolher quaisquer situações em que pessoas interagem. Caracterização que nos sirva, entretanto, como roteiro para identificar o lugar de ocorrência de questões comunicacionais com toda a sua diversidade processual.

Dinâmicas

Um primeiro ponto, muito básico, é sublinhar que estamos observando uma entidade dinâmica, em movimento, com início, desenvolvimento e finalização – seja em decorrência de efetivo surgimento e término, seja por transformações tais que uma situação posterior já não é a mesma situação anterior. Isso reafirma a grande diversidade das situações possíveis – correspondente ao uso da expressão para referir qualquer acontecimento que se apresenta como desafio.

O que importa, nesse ponto, é evitar uma ênfase primeira nas estruturas, em verdades estabelecidas, no atendimento estrito de regras, padrões, códigos ou normas de encaminhamento (ainda que devendo ser ponderadas) que se pretendam explicativas, sem restos, do que acontece.

Se uma situação interacional nos interessa em perspectiva comunicacional, não cabe limitar a investigação à apreensão e à descrição de uma pretendida estrutura “típica”.

Razões múltiplas dão sustentação a tais dinâmicas. Mas podemos imaginar, em termos elementares, aspectos inerentes à espécie humana – que por seleção natural terá desenvolvido competências adaptativas a condições cambiantes e à diversidade ecológica ao se deslocar no espaço geográfico. Ao lado dessa tendência biológica para a diversificação (que nos modifica no tempo e *gera uma diversidade produtiva entre os espécimes*), dinâmicas sociais são igualmente estimuladoras de transformação – fazendo o processo comunicacional da espécie humana ser percebido em uma perspectiva de epistemologia evolucionária.

Por isso mesmo, as metas de transformação não se esgotam no fato em si da mudança – implicam a expectativa de outra estabilidade, diversa da atual. Somos movidos também pela potencialidade do que se busca – projetos.

Âmbitos

Enfatizamos, acima, mais as dinâmicas que as estruturas. Isso não significa, porém, que estas últimas sejam irrelevantes. Como tudo o mais, as situações não surgem no abstrato, mas em âmbitos sociais os mais diversos – às vezes muito definidos e estabilizados. Podem ser instituições, como estudadas pelos sociólogos; campos sociais, conforme proposto por Bourdieu; ambientes antropológicos com sua cultura; espaços profissionais diversos, em suas especialidades; momentos históricos, com suas características peculiares. Tais âmbitos se caracterizam justamente por seus padrões, regras, hábitos, rotinas – estruturas que (positivas, limitadas ou constringentes) definem sua própria estabilidade.

Situações interacionais ocorrentes em um determinado âmbito, em princípio, se moldam às estruturas deste, gerando aí sua inteligibilidade, na expectativa das interpretações assim disponibilizadas. Naturalmente, no trabalho da pesquisa dos processos comunicacionais ocorrentes, é preciso levar em conta estas estruturas e o que delas se conhece. Mas isso não é suficiente para sua compreensão profunda – pois ao mesmo tempo em que se molda às estruturas, a interação *age sobre elas*.

Primeiro, porque a própria situação pode envolver posições que se contrapõem à reiteração dos padrões e à moldagem das ações em conformidade com as estruturas vigentes. As composições resultantes podem incidir sobre as estruturas em termos de redirecionamento destas.

Além disso, mesmo quando não se explicitam gestos comunicacionais ajustadores, o simples uso dos padrões estruturais implica, por seu acionamento diversificado em situações singulares, um resultado potencial de *variações*, que, na continuidade de situações parecidas, mas diversas, podem redirecionar sutilmente as estruturas. Bourdieu mostra isso claramente ao constatar que as estratégias de ação seguem as regras reinterpretando-as, porém, conforme a especificidade de seus objetivos. O que pede “uma invenção permanente, indispensável para se adaptar às situações indefinidamente variadas, nunca perfeitamente idênticas” (Bourdieu, 2004, p. 81).

Nesse sentido, vale sublinhar – sem descartar um trabalho de observação atenta das estruturas em que uma situação ocorre – que devemos evitar explicá-la estritamente por estas estruturas. Ou, dito de outro modo: a estrutura do âmbito de ocorrência de uma situação não define inteiramente lógicas e sentido das situações.

Não se trata, portanto, com o conceito de “situação interacional”, de falar em “situações-tipo” (como se a partir de um tipo ideal ou modelar de situação, pudéssemos prever e caracterizar procedimentos gerais ou conforme o âmbito em foco).

*

A essas tendências modificadoras do estabelecido, soma-se a possibilidade, bastante frequente, de um trabalho exposto de análise e crítica das próprias estruturas de um determinado âmbito, direcionado para sua revisão ou desmontagem.

Este é mais um processo de transformação. A crítica pode se manifestar diretamente na situação em pauta; ou pode funcionar como base de novas situações, estimulando competências de adaptabilidade, de renovação de processos, de qualificação interna de situações ou de relacionamento entre questões sociais. Torna-se um olhar voltado para interpretações sobre o contexto mais amplo, sistêmico, em que as regras se organizam e são mantidas ou transformadas.

É interessante notar, na diversidade crescente de ambientes e circuitos da sociedade humana, aqueles setores que souberam gerar subsistemas interpretativos e críticos específicos – assegurando assim estratégias ponderadas de ajuste e transformação.

Em contraste, podemos observar que as estruturas de baixa flexibilidade fazem sempre correr o risco de um crescente desajuste em relação a ambientes mais amplos, na medida em que estes ambientes se modifiquem, levando eventualmente a situações em tal desconexão que, isoladas, perdem sua possibilidade de consiliência com o entorno.

Desdobramentos

Participamos de uma situação quando estamos envolvidos, tomando parte em encaminhamentos, nas posições em pauta, nas dúvidas, nas tensões (em qualquer grau de acesso ou de possibilidade de se fazer ouvir). Mas também participamos por observação, por “presenciar” a situação, por ouvir o que se conta desta, sem estarmos diretamente envolvidos nos encaminhamentos, sem possibilidade de ação e voz.

Isso acontece porque, quando participamos diretamente de uma situação, tendemos a levá-la adiante, para fora de seu raio imediato de ação direta. Nós nos contamos situações vividas (já quando em curso ou depois), explicamos a outros a experiência vivida, nos reinventamos no contar, corrigimos decisões, eventualmente embelezamos.

Nesse desdobramento temos já outro modo de interagir – outra situação. Já não tomamos parte em ato, mas ainda interagimos pela interpretação, pela leitura, por tomar partido de uns e de outros dentre os participantes originais ou por construir nossa própria preferência de encaminhamento, assim como prognósticos e comentários.

Mas o que importa, para nosso objetivo comunicacional, é que no desdobramento estamos – também – trabalhando o desafio da comunicação, de exercer a diversificação e ao mesmo tempo tentando composições, as mais variáveis. Este segundo modo é ainda uma situação – diversa da original. Espaço importante, aí, é o de uma participação diretamente integrada à vida social e ao ambiente político-cultural – como é o caso das situações em cobertura jornalística.

Ainda no desdobramento, assim como ganhamos experiência por situações vividas, fazemos experimentações vicárias. Os participantes anteriores, ao contar e fazer seguir adiante, como circulação, o fazem como retrabalho – ao lado da experimentação inicial, testam, ainda, variações em torno do acontecido. Os que participam apenas do que se desdobrou, pelo ouvir contar, experimentam ao cotejar o caso em pauta com sua própria experiência.

Apenas um pequeno passo a mais, nesse desdobramento – sequer precisamos ter efetivamente vivido uma experiência mais complexa, um acontecimento. Percebendo, sentindo e imaginando as questões e os desafios da convivência na diversidade, as dificuldades em geral das composições que nossa inserção na sociedade dos outros exige, aproveitamos nossas próprias dúvidas, hesitações, desejos e medos, para – a partir destes – desenvolver experimentações na imaginação e *criar situações interacionais*. Que, imaginadas, não ocorreram (ao menos, não deste modo), mas ainda assim desenvolvem e oferecem experimentação.

Nesse aspecto, ler textos, ver filmes, assistir televisão, ir ao teatro, podem ser também situações interacionais. Sem novidade: é o que nos mostra Barbero ao dar sentido pleno e ativo ao gesto da recepção.

É por isso que a literatura (e outras formas de criação), entre todas as coisas que expres- sam, fazem e significam, são *também* situações interacionais que se desdobram pela leitura. A ponto de Alberto Manguel poder dizer, em “Uma história da leitura” (1996, p. 24): “A experiên- cia me veio, primeiro, pela leitura”. É o que herdamos, todos, do teatro grego.

Experiência/Aprendizagem

Conforme os âmbitos da práxis social, o desdobramento de situações interacionais de- corre dos fazeres diferenciados nas práticas – que se desenvolvem como geração de experiência.

A primeira situação da experiência é a da invenção social necessária para enfrentar desa- fios diante dos quais o grupo de participantes não dispõe de respostas prontas. Não por acaso a palavra “experiência” tem origem próxima a “experimentação”. Mesmo quando o participante de uma situação ingressou nesta “sem experiência”, os fazeres solicitados não se aprendem no simples repasse por participantes mais experientes. Ainda que os gestos básicos possam ser in- formados e adestrados, a experiência só se desenvolve em processos integrados na situação, en- volvendo ensaio e erro, processos abduativos e o gesto da criatividade. A tese de Vygotsky (2011), sobre a aprendizagem da fala pelas crianças mostra aí uma situação interacional que vai muito além da aquisição de palavras na memória, envolvendo, diversamente, uma formação de experi- ência criativa.

A práxis social assume como pessoa experiente alguém que passou por uma boa diversi- dade de situações. Isso evidencia também que as situações interacionais não se confundem com a mera rotina repetitiva de gestos, ou seja, não são inteiramente conformadas por regras, padrões e estruturas estabelecidas e reiteradas. Uma situação se caracteriza justamente pelo que sai da rotina, gerando dúvida, hesitação, incitamento a soluções. A verdadeira experiência não é a da repetibilidade dos gestos, e sim a da competência de ajustar o gesto às sutilezas do específico. A não ser que estejamos tratando de uma situação em estrutura estagnada – mas aí, o desafio posto sem resposta pronta, que pode reabrir a questão, é justamente o de superar a estagnação.

Que modos e processos comunicacionais se relacionam com essa ideia de formação da experiência nas situações interacionais? Considerando que o trabalho da comunicação é

diversificar e compor a diversidade dos participantes, ajustando suas singularidades em termos de competências para agir entre os outros (ou seja, de interagir não apenas baseados em normas ou na obediência de determinações estruturais), o processo comunicacional da experiência é o de gerar – entre a estrutura e a invenção – a construção em comum de práticas ajustadas aos desafios específicos da situação.

A comunicação não se configura centralmente nas falas informativas que se dirigem mutuamente os participantes – e sim, muito mais, na busca de sintonia entre gestos diferenciados, na interpretação das ações requeridas, na busca de composição ativa dos objetivos e das estratégias que devem levar a resultados. Ao mesmo tempo em que os gestos, diversos, se compõem em processo conjunto, os participantes da situação tiram daí sua aprendizagem contextual – se reelaboram.

Em decorrência do aspecto tentativo dos processos, os resultados podem ter graus diversificados de sucesso; ou mesmo resultar em composições equivocadas, frágeis ou repressivas. Mas mesmo aí, constata-se a possibilidade da formação de experiência, pela aprendizagem do erro ou pela crítica.

Complexidade

As situações interacionais variam também em suas dimensões e densidade – desde a possibilidade de episódios singulares, bastante definidos e descritíveis; até acontecimentos muito complexos, espalhados, envolvendo âmbitos diversificados, participantes variados, comportando uma pluralidade de episódios, movimentos e situações internas imbricadas, com níveis diversos de relevância e durações de ordem histórica.

Isso pode ser visto também, com pertinência, pelo ângulo da pluralidade de situações interacionais em convivência e relações no ambiente social geral – de algum modo articuladas entre si, em suas singularidades diversas. Por processos comunicacionais transversais entre situações, e mesmo intersistêmicos, busca-se compor, no quadro social geral, alguma consiliência.

As situações complexas comportam a possibilidade de pontos de harmonização razoável, elementos de tensionamento e ruptura, zonas de não-percepção mútua, além de fronteiras de territorialidade, barreiras de preservação e intransparência.

As situações interacionais, mesmo quando muito singulares ou idiossincráticas, podem ser constatadas, para além de sua ocorrência circunstancial, como inscritas em grandes âmbitos

gerais nos quais a sociedade se estrutura – em questões jurídicas, políticas, educacionais, empresariais, jornalísticas, por exemplo. Ou em processos de ordem transversal a estes âmbitos: questões culturais, de sociedade civil, de ordem psicológica etc.

As situações que têm como âmbito um espaço institucional ou de normatividade prática dos campos sociais podem se exercer como defesa perante a hipótese de situações consideradas invasivas. Luhmann (1997) parece considerar essa autodefesa como padrão generalizado – afirmando o fechamento intersistêmico ao modo de “acoplamento”. Entendo, porém, que o que se mostra aí (quando ocorre) não é a impossibilidade de comunicação – mas sim processos de fechamento tático, em que o sistema procura manter certo controle “interno” das situações ocorrentes, ou alguma preponderância no relacionamento entre sistema e ambiente. Apesar disso, sempre sujeito a articulações de ordem comunicacional – relevantes ou ineficazes, mas sempre ativas. A isso corresponde a ideia de complexidade crescente.

Em decorrência da possibilidade de imbricações comunicacionais entre situações, o trabalho de observação das interações humanas pode fazer diferentes seleções de elementos pertinentes. A pertinência não se define apenas pela conexão entre os aspectos que se estruturam; mas também pelas questões que nossa busca de conhecimento pretenda rastrear.

Variações/Seleção

Os processos de transformação têm como base referencial importante as descobertas naturalistas de Darwin, no século XIX, segundo as quais os organismos variam e o meio ambiente seleciona (assegurando assim a continuidade dos organismos mais adaptados). O ponto relevante nessa referência é que não se trata, no processo da seleção natural, de uma causalidade direta (em relação de causa e efeito). Cada um dos dois elementos age em seu próprio espaço (variando ou selecionando).

Em Darwin, variações e seleções aparecem como processos exclusivos – o primeiro, dos organismos; o segundo, do meio ambiente. Esses dois agentes (de ações distintas) são apenas acoplados – significando isso que nenhum dos dois agentes age diretamente sobre o outro. A variação é assumida como aleatória – o meio ambiente não produz essas variações. Apenas seleciona, “de fora”, aquelas mais ajustadas a suas características próprias.

Quando epistemólogos tiveram a ideia (desde a primeira metade do século XX) de fazer uma transferência dessa lógica para o processo de produção do conhecimento, chegaram também

a percepções relevantes sobre seus objetos de interesse. Entretanto, tiveram a tendência – ao selecionar seu objeto de atenção no que se refere à ocorrência de transformações – de manter a dualidade original: o objeto de atenção varia; o ambiente social seleciona.

Ao observar as situações interacionais, porém, podemos perceber que a dualidade é simplificadora. Constata-se, em vez disso, uma diversidade de agentes de variação e de agentes selecionadores. Mais ainda: conforme as estruturas da ocorrência, as circunstâncias postas em marcha e os processos em curso, as variações se movem em modos e lugares diferenciados, e as seleções serão de ordens diversas. Além disso, não parece haver uma distribuição pré-estabelecida da possibilidade de variar e do gesto de selecionar entre sistemas diversos. Ou seja: cada elemento agente pode variar *e pode selecionar* (embora sobre ações diversas). O ambiente social humano é um espaço de variações e seleções generalizadas.

Assim, não há mero acoplamento entre sistemas distintos ou entre agentes diversos³. A ação comunicacional tem a possibilidade de permear o processo conjunto e cada elemento terá maior ou menor potencial ativo, *conforme as especificidades da situação*.

Com isso, os índices de articulação, de composição, de conflito, de transformação, de estagnação, de busca, bem ou mal-sucedida, de novas estabilidades, podem variar de uma situação para outra – ainda que suas estruturas sejam parecidas ou exerçam estratégias semelhantes. O que ocorre precisa ser compreendido, portanto, na especificidade da situação.

Lugar de encontro

A interação é necessária para constituir sentido – o sentido das coisas, dos acontecimentos, do “eu” e das relações entre o “eu” e o mundo. Circunstâncias-limite de isolamento radical na infância evidenciam que a inteligência não desenvolve competências de compreensão na ausência da interação humana (Braga, 2017), confirmando que a construção de sentido com um mínimo de consistência e alcance exige um processo coletivo de aprendizagem, de invenção e de ajustes.

Dada a diversidade da espécie humana, esse processo depende de um trabalho de composição que exige a comunicação entre participantes – tanto mais complexa quanto mais

³ Mesmo a variação de organismos biológicos no ambiente natural não se define mais como um acoplamento entre sistemas fechados sobre si mesmos. Os nichos naturais são elementos de passagem interacional entre natureza e organismos. A natureza favorece ou desafia os organismos; os organismos trabalham a natureza (Gibson, 1977).

diversificadas as situações de inserção e participação. A individualidade de nossos atos se constitui justamente pelo desenho de uma singularidade no gesto de participação.

Em diferentes âmbitos (instituições, culturas, momentos da história), as situações são correlatamente diversificadas. Entretanto, aspectos elementares constitutivos estão sempre presentes – a necessidade comunicacional da espécie, a potencialidade geradora da comunicação, o trabalho da diversificação adaptativa ou inventiva, o esforço tentativo de articulações e composição, as consequentes transformação e busca de estabilidade.

Por tais processos básicos, podemos inferir que as situações interacionais se exercem também como lugar de encontro e de produção mútua entre as práticas sociais e a singularidade individual, no gesto mesmo das tentativas de produção de sentido.

Sabemos do longuíssimo debate que contrapõe as posições individualistas (que consideram a sociedade como resultante da soma das ações individuais) e as posições estruturalistas (que predeterminam os sistemas sociais e conformam as individualidades segundo sua inserção no espaço sociocultural).

Assim, uma perspectiva individualista atribui à ação individual a primeiridade ativa e modificadora-ou-estabilizadora nas relações sociais. Perspectivas coletivistas, estruturalistas ou sistêmicas tendem a considerar, inversamente, que o sistema, o ambiente cultural, o contexto, é que determinam o indivíduo, que seria (em diferentes aspectos, conforme o campo de conhecimento) formado, conformado, definido, direcionado ou “influenciado” pelos contextos.

Minha perspectiva sobre comunicação (e aqui, sobre situações interacionais) sugere que essas duas posições são simplificadoras quando, contrapostas, afirmam uma relação causal e unidirecional. As situações interacionais são o lugar de encontro *entre o indivíduo* em sua singularidade (e, portanto, em sua diversidade-e-semelhança com os demais indivíduos) *e o social*. O social aparece não apenas pelo conjunto de “outros” participantes, mas também pelos próprios processos comunicacionais, seus objetivos, suas estratégias; pelas disposições socioculturais estabelecidas, que atravessam os processos e que enquadram habitualmente o modo ali assumido nos contextos significativos.

“Lugar de encontro” não significa, porém, que os diferentes componentes são agregados como “prontos” (e, neste ponto, somam-se ou simplesmente tentam influenciar e modificar uns aos outros). A entrada em situação, assim como a própria geração de uma situação, implica que os participantes (com seus perfis e objetivos), os processos iniciados, os processadores acionados, seus vínculos com o contexto e com as bases da própria situação, exercem variações de

ajuste mútuo que buscam fazer sentido nas lógicas e no curso da própria situação (mesmo quando agindo em contraposição ao contexto ou a outros elementos).

Em vez de uma causalidade em direção pré-definida, o que encontramos nas situações interacionais é uma lógica imbricada de variações e seleção.

Os dois elementos mais diretamente dinâmicos (indivíduos e sociedade), sobre serem muito mais interligados do que organismos e meio ambiente, são ambos diretamente *agentes comunicacionais*, inclusive em suas relações mútuas. Ou seja: não há como restringir a relação ao termo de “acoplamento”. É a ocorrência em situação que permite reafirmar um processo comunicacional pleno entre o sistema psíquico das pessoas e o sistema social. A conexão é tão nitidamente ativa, nas duas direções, que podemos observar ações constitutivas mútuas entre indivíduo e sociedade.

No processo humano e social não ocorre uma especialidade distintiva de agentes/ações. Tanto o indivíduo age (propõe e exerce variações em direção ao contexto, em suas diversas situações, que são “selecionadas” em graus diversos pelo meio ambiente social); como os processos socioculturais geram, *per se*, variações que são selecionadas, também em graus diversos, por outros setores ou grupos sociais; mas também por indivíduos, que assumem ou não, ou ainda, acolhem com reajustes tais variações (aprendem contextualmente). Alex Primo (2000, p. 86) observa, que “os sistemas interativos mútuos estão voltados para a evolução e desenvolvimento”. As situações interacionais são o modelo básico de sistemas interativos mútuos.

Um indivíduo inicia uma variação, por suas ações; outros indivíduos – dando atenção – selecionam. Ao selecionar, fazem ajustes, o que implica variantes na variação “proposta”. Ou, em vez de indivíduos nas duas posições de agência, um grupo e outro grupo; um grupo e um indivíduo, em dadas posições de poder decisório; um subgrupo de um grupo mais amplo; um grupo e setores amplos e diversificados da sociedade.; uma instituição e outra; um campo social e outro; diversos setores de um mesmo campo; um movimento social; um partido político. E pessoas.

3. A pesquisa

Como vimos, mesmo quando no nível epistemológico se assume a interação como perspectiva abrangente e nucleadora, a ubiquidade possível do termo torna difícil concretizar a investigação de processos comunicacionais com coerência metodológica.

A partir desse problema, debatemos uma proposta de entidade observacional que pudesse atender à questão – dando atenção tanto à abrangência epistemológica quanto ao reconhecimento da diversidade interacional em que os processos comunicacionais se exercem. A proposta é apresentada na forma de um conceito metodológico voltado para o trabalho de seleção e ordenamento dos observáveis da pesquisa.

Com o conceito de “situação interacional”, buscamos apreender, na realidade empírica, a ocorrência da interação entre agentes participantes da sociedade. A caracterização proposta não define uma entidade ontológica, assumida em modo essencial e estrito. Trata-se antes de uma constatação originada no senso comum, cujo sentido refere processos elementares que se encontram em qualquer âmbito da práxis social. Não por características fixas e padronizadas, mas como um conjunto de linhas ativas que se exercem diversificadamente.

O conceito observacional deve lastrear uma aproximação heurística, e não descrever o observável como inscrito em uma categoria definidora do objeto. O objetivo do conceito é apenas sugerir linhas de atenção para se perceber o que (variadamente) uma situação pode mostrar. O que buscamos é uma singularidade de abordagem.

Para sublinhar essa processualidade metodológica, acrescentamos agora ao já exposto algumas observações voltadas para a conexão entre a entidade conceitual proposta e o trabalho de pesquisa.

Linhas variáveis

Os sete processos relacionados são linhas presentes em situações nas quais pessoas interagem – todas elas variáveis quanto ao modo, à intensidade, ao direcionamento e à relevância em cada situação observada. Assim, a observação de tais aspectos implica justamente a decisão de perceber *como tal característica se apresenta nesta situação investigada*. Não cabe, portanto, chegar ao exame de uma situação procurando encontrar tais características como se fossem pré-definidas. Menos ainda, imaginar uma sistematização geral de tais processos – seria como pretender sistematizar a história que virá.

Isso implica que estes processos podem ter maior ou menor importância para o que ocorre na situação – a investigação é que desvelará a composição específica que caracteriza a situação analisada, permitindo uma compreensão de sua processualidade.

Quatro das sete características observadas são constitutivas necessárias das situações interacionais: dinâmicas, âmbitos, variações/seleção, lugar de encontro. O acionamento metodológico proposto implica, portanto, observar como a situação se organiza nestes aspectos.

As outras três (desdobramentos, experiências e aprendizagem, complexidade), se presentes e relevantes, devem informar sobre aspectos gerativos e direcionais das situações em estudo.

A comunicação que movimenta, direciona e constrói a situação (assim como seu sucesso ou insucesso, validade ética ou não, competência ou equívoco) deve se mostrar com clareza na ponderação e no direcionamento das linhas de ação exercidas.

Assim como algumas das características aqui analisadas podem estar presentes ou não, é provável perceber, em uma pesquisa específica, a presença de outras características, como relevantes para o que acontece na situação. Tais características, descobertas em pesquisa, poderão ser muito específicas desta; mas também podem apresentar um interesse mais abrangente, passando a enriquecer o conceito, merecedoras de um exame abrangente, em novos casos de situação interacional. Ainda que singulares de uma só situação, favorecerão o conhecimento diversificador de situações interacionais, podendo estimular a descoberta de outras e outras processualidades de interesse para o conceito observacional, formando, com o tempo, um elenco de aspectos relevantes sobre a processualidade comunicacional.

Entre as singularidades e o “em comum”

Se o conceito observacional proposto comporta tanta diversificação – dos objetos de pesquisa para os quais a observação se volta, das próprias características conceituais acionadas, das decisões de problematização dos pesquisadores – como pode servir ao objetivo de enfrentar o espalhamento das questões que trabalha? Como, nestas condições, criar um “em comum” acolhedor da diversidade?

Creio que a resposta é a seguinte. A integração e as articulações não se fazem por assemeilhamento dos observáveis analisados, nem se fariam por um padrão que subjugasse as diferenças. Reconhecendo e mantendo a diversidade de observáveis e das questões de pesquisa, a superação da dispersão se faz pela possibilidade do conceito observacional de trabalhar objetos

diversos de observação com base em uma mesma lógica reflexiva que observa, descreve e faz inferências sobre a diversidade rastreada.

O resultado desse esquadramento, diverso como seja, se expressa por uma mesma linguagem expositiva, por uma mesma preocupação de inferências e busca de um ângulo de compreensão – que podem, então ser remetidos ao nível epistemológico das macro questões que conformam o objeto de conhecimento, realimentando essas questões; que por sua vez se aprofundam e fazem ampliar seu alcance de apreensão daquela diversidade.

É nessa composição mútua entre o nível epistemológico e o nível metodológico que o campo de conhecimento se harmoniza na diferença e na acuidade de suas dinâmicas. Com toda a sua diversidade, as situações interacionais perfazem uma referência comum às variações encontradas, um entendimento processual conjunto.

Relações comunicacionais ativas

Considerando o argumento desenvolvido no texto (ver em especial os itens “Variação/Seleção”, “Complexidade” e “Lugar de Encontro”), uma abordagem por situações interacionais assume a ocorrência de relações propriamente comunicacionais em todos os níveis das atividades interacionais. Isso implica que, por um processo de variações e seleções, qualquer agente social (individual, coletivo, grupal, tecnológico, estratégico, de linguagem ou cultural) pode agir em termos diversificadores, articuladores e/ou compositores, em termos setoriais ou de conjunto – mormente ao assumir a ideia da comunicação como elemento viabilizador da interação humana. Uma abordagem com base no conceito de situações interacionais se contrapõe à hipótese de mero acoplamento (não comunicacional) entre agentes e entre sistemas.

Por argumentos similares, resistimos à noção de que determinados elementos sempre predominam sobre outros – por exemplo, os meios sobre as mensagens e processos socioculturais correlacionados; a cultura dominante sobre as seleções pontuais, as instituições e suas regras sobre os processos que ocorrem em seu campo ou suas “fronteiras”, as estruturas sobre os gestos. A observação de situações interacionais sugere, diversamente, que a potencialidade de ação de cada elemento, de cada agente, pode variar de uma situação para outra, conforme suas especificidades e suas circunstâncias – cabendo então à pesquisa descobrir as dinâmicas específicas, conforme se manifestam pontualmente.

No processo comunicacional, o núcleo não é a “mensagem”, no sentido informacional matemático, que passaria intacta e igual a si mesma na saída e na chegada, a não ser pelo ruído dilapidante que teima em se intrometer (a ser assim, aliás, o ruído seria o único elemento criativo).

O que importa no processo comunicacional é o que este faz (intencionalmente ou não) na situação interacional. É por isso que prefiro a ideia de *ação comunicacional* – um fazer. Melhor que “dizer” ou “mostrar”, o que caracteriza a comunicação é o gesto – o gesto comunicacional, sempre tentativo em seu fazer. Que pode ser feito por palavras, certamente, e por textos. E imagens. Só compreendemos um texto quando percebemos – através do que diz – o que ele faz. Diante do texto ou fala, nossas reações são respostas às ações que o texto realiza. Acolhemos, concordamos, discordamos, descobrimos, inferimos. Transformamos. Isso vale para o livro, para o filme, para a aula que assistimos ou oferecemos. Vale para o debate, para a conversa, para a reunião de trabalho.

Não que na práxis da interação, as pessoas se comportem como pesquisadores, como analistas. Mas se estamos em situação interacional, esse fazer é o que fazemos todos, bem ou mal. Fazer não significa necessariamente fazer ponderado – pode ser impressionista, impulsivo, equivocado, mal pensado. Mas é o que fazemos em situação.

É a isso que caracterizamos como relações comunicacionais ativas – ao nos comunicarmos, não estamos simplesmente “passando mensagens”. Estamos agindo uns sobre os outros, nos diversificando e ao ambiente. Produtiva ou levianamente.

Decisões de Pesquisa

Como assinalamos no item “Complexidade”, a imbricação entre situações diversas permite que o trabalho de observação faça diferentes seleções de elementos pertinentes para a pesquisa – correspondendo à decisão sobre o que deve constituir a situação interacional a ser investigada, a partir do que o pesquisador tenha elaborado como problema e objetivos da pesquisa.

O enfoque pelo ângulo das situações interacionais deve favorecer um desenho flexível das questões específicas a investigar; e estas, por sua vez, podem dar pistas sobre as dinâmicas comunicacionais, os agentes de variação e de seleção, e o que se busca pôr em comum. É o problema em investigação que deve nortear mais adequadamente a escolha dos aspectos mais pertinentes para a descoberta.

Ao lado dessa flexibilidade necessária para trabalhar com a diversidade, reconhecemos, porém, que a proposição de um conceito metodológico implica a necessidade de um mínimo de estratégias bem definidas, em coerência com as questões de que trata, com os objetivos assumidos e com o conceito observacional proposto. É o que vai assegurar que o estudo da diversidade não abandone uma atenção voltada para o *em comum*. Cabe, assim, apresentar um conjunto preliminar de premissas metodológicas, que podem ser destacadas das reflexões e encaminhamentos apresentados no artigo, e que sumariamos a seguir.

A situação interacional funciona como lugar de encontro de seus diversos elementos, cada um deles tendo suas possibilidades circunstanciais, maiores ou menores, de agir interacionalmente sobre os demais. Dentre estes, importam particularmente os agentes individuais e os agentes “de conjunto” (grupos, culturas, processos instituídos, processadores diversos), assim como suas ações – não enquanto caracterizadas em conceitos gerais, e sim na realidade concreta da situação específica examinada.

Pela própria dinâmica das situações interacionais, com sua diversidade interna e suas tensões externas com o ambiente, uma situação pode gerar transformações, manter-se imutável em estagnação, equilibrar-se na conservação do já habitado, buscar novas estabilidades, ou fracassar em qualquer dessas tentativas – sendo relevante estudar essas possibilidades nas situações pesquisadas.

A dinâmica comunicacional das situações não deve ser expressa em relação de causalidades – como se determinados processos ou agentes funcionassem como “causa” e outros processos fossem meramente “efeitos”. Diversamente, todo elemento com alguma potencialidade de ação pode fazer incidir seus direcionamentos (nas variações disponíveis na circunstância) sobre os demais. Os quais, por sua vez, terão, em algum grau, potencialidade de seleção, qualquer que seja sua eficácia.

Os gestos comunicacionais que realizam estas ações são geradores e constitutivos dos resultados. Qualquer que seja sua qualidade, os resultados devem ser vistos como decorrentes de articulações e tensionamentos comunicacionais ativados nas condições de seu exercício

Incluo este conjunto de proposições como item de conclusão, justamente para sublinhar o estágio “em elaboração” da presente proposta. A proposta certamente requer o debate e o teste da experimentação, para assegurar um desenvolvimento rigoroso – debate que pode ter como ponto de partida, justamente, suas premissas metodológicas centrais.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. “Da regra às estratégias”, in: **Coisas Ditas**. São Paulo, Brasiliense, 1990 (original: 1987).
- BRAGA, José Luiz. Comunicação como trabalho da diversidade. **Matrizes**, vol. 16, no. 3, set/dez de 2022, São Paulo: ECA/USP, p. 87-104. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/en/article/view/200818/190135>
- BRAGA, José Luiz. Comunicação gerativa: um diálogo com Oliver Sacks”. **Revista Matrizes**, v.11 - nº 2, p. 35-55, maio/agosto, 2017, São Paulo: ECA/USP. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/it/article/view/133655/133365>
- DURAN, Álvaro Pacheco. Interação social: o social, o cultural e o psicológico. **Temas em Psicologia** [online]. 1993, vol.1, n.3, pp.1-8. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000300002&lng=pt&nrm=iso
- GIBSON, James J. The Theory of Affordances. In Robert Shaw, John Bransford (Ed.) **Perceiving, Acting and Knowing – Toward an Ecological Psychology**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1977, p. 67-82.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social**. Vol. 1. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003
- HELMER, Étienne. **Ici et là: une philosophie des lieux**. Verdier, 2019.
- LUHMANN, Niklas. Sobre os fundamentos teórico-sistêmicos da teoria da Sociedade. In BAETA NEVES, Clarissa; SAMIOS, Eva (Org.), **Niklas Luhmann: a nova teoria dos Sistemas**, Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, Goethe-Institut/ICBA, 1997. p. 60-74. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/242209/000152200.pdf>
- MANGUEL, Alberto. **Une histoire de la lecture**. Arles: Actes Sud, 1998.
- PRIMO, Alex. F. (2008). Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo. **Revista FAMECOS**, 7(12), 81–92, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3068/2346>
- VYGOTSKY, Lev [1934]. Apprentissage et développement à l’âge préscolaire. In YVON, Frederic et ZINCHENKO Yuri (ed.) **Vygotsky, une théorie du développement et de l’éducation** (Recueil de textes et commentaires), pages 203-220. Moscou: Université d’État Lomonossov et Université de Montréal, 2011.